

MEMÓRIA E SABER AGRONÔMICO
O edifício-sede da ESALQ em seu primeiro centenário
Marly Therezinha Germano Percin

"[...] Eis a escola prática Luiz de Queiroz.
Não é uma teoria nem um sonho, mas um fato.
Está funcionando, em movimento.
É uma força poderosa no ensino agrícola da nação".
Dewit Clinton Smith (1)

A história da gloriosa ESALQ se confunde com a história do seu edifício-sede, não por mera coincidência, mas pela questão de natureza intrínseca, que o seu ex-diretor, D.C. Smith, qualifica de "força poderosa", aquela mesma que subsiste em todos os seus empreendimentos. Senão, vejamos.

Luiz Vicente de Souza Queiroz adquiriu o espaço físico destinado à Escola, a Fazenda São João da Montanha, em 1891, por 43:550\$000, para ali estabelecer o seu idealizado *Agricultural College*. As dificuldades financeiras e as incompreensões que sofreu por parte dos políticos no Executivo e no Legislativo do Estado de São Paulo, levaram-no ao abandono do projeto e à frustração que o acompanhou até a morte.

O valioso patrimônio (195:000\$000), juntamente com as plantas do arquiteto inglês Alfred Blandford Hutching, inclusas num anteprojeto, *o Agricultural College to be erected at Piracicaba, San Paulo, Brazil*, por força do Decreto nº. 130 de 17/11/1892 passaram *ab conditio* ao poder do Estado, que, aceitando a doação, concedeu ao proprietário a indenização de 50:774\$000 relativos às benfeitorias e custos de manutenção da propriedade. A prudência o levava a resguardar o compromisso do Estado de ali vir a estabelecer uma agência de educação profissional agrícola, dentro de um prazo mínimo de dez anos. Outro decreto, quase simultâneo, de nº. 216 de 18/11/1892, abria o primeiro crédito-extra para ser aplicado ao início dos trabalhos de adaptação da Fazenda São João da Montanha aos novos propósitos oficiais.

Assim terminou a primeira tentativa de implantar a escola agronômica em Piracicaba. Mas gostamos de lembrar que o projeto nasceu de duas viagens felizes do casal Luiz Vicente de Souza Queiroz - Ermelinda Ottoni. Na primeira, logo após a Abolição, Luiz de Queiroz se deixou fascinar pelos avanços da tecnologia, subseqüentes à segunda revolução industrial e os progressos da educação agrícola na Europa. Concebeu planos com vista à modernização do país. Amadurecidos estes, efetuou a segunda viagem (1891), à Europa e aos Estados Unidos para aquisição de material necessário à construção de uma usina hidrelétrica para iluminação da cidade de Piracicaba. Na mesma oportunidade, contratou junto ao arquiteto inglês Alfred Blandford Hutching um modelo geral de planta para a construção de uma escola agronômica.

O anteprojeto citado refere-se a um grande estabelecimento destinado a sediar o colégio-internato, que viria a ser dotado da capacidade de alojar mais de uma centena de apartamentos individuais, cujas medidas eram 3,81m de largura x 4,27m de comprimento x 4,27m de altura. As unidades compunham-se de quarto e sala conjugados e eram servidas por pia de água fria, tudo no melhor estilo inglês para *young land lords*, os filhos dos proprietários da classe dominante em São Paulo. Os primeiros 54 apartamentos situavam-se no andar térreo e os outros 62 no andar superior. Reservavam-se inúmeras dependências utilitárias: salão da congregação, apartamento do diretor, salas de aula, oficina, laboratório, ginásio, refeitórios, banhos e serviços. O toque de grandiosidade era dado pela grande fachada de tijolos vermelhos e amarelos em estilo normando, medindo 95,70m e como elemento decorativo os arcos nas varandas que comunicavam as duas alas com o corpo central (2).

Não deve estranhar a destinação elitista do *Agricultural College*. No final do século XIX, ainda a classe média jazia embrionária. Um observador da época, o professor Eugene Davenport, contratado nos Estados Unidos por Luiz de Queiroz, entre 1891-1892, para trabalhar em Piracicaba no projeto da Escola, deixou as suas impressões sobre a realidade paulista: [...] "*There are two classes of people in Brazil, the rich and the poor [...] Literally there were no middle class people except the few visitors like ourselves*" (3). O próprio Luiz Vicente de Souza Queiroz, era filho do Barão de Limeira, um típico representante dos aristocratas do Oeste Paulista, e presidia uma sociedade de *brazilian gentlemen*, quando buscou o arquiteto na Europa e assinou o contrato da planta em Paris (1891).

Após o encerramento da fase de Luiz de Queiroz, a Fazenda São João da Montanha foi incorporada provisoriamente ao Instituto Agronômico, vindo a permanecer durante treze meses sob a direção do cientista Ernest Lehmann (1892-1893). Nesse momento, a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas se achava em fase inicial de organização e foi Jorge Tibiriçá Piratininga, agrônomo formado na escola de Hohenheim, Alemanha, e mandatário da pasta, quem contratou o engenheiro agrônomo Léon Alphonse Morimont, belga formado na famosa escola de Gembloux, para o cargo de Diretor da Fazenda São João da Montanha.

A missão era tão honrosa quanto hercúlea: conservar e promover o patrimônio, bem como elaborar um projeto de educação agronômica para a escola a ser instalada em Piracicaba. A experiência acadêmica européia e a profissional, testadas em diversos países, permitiu-lhe elaborar uma proposta didático-pedagógica que finalizava um produto sociocultural inédito, o agrônomo, profissional formado por um sistema modular de ensino, dotado de conteúdos programáticos específicos, e treinado nas salas de aula, gabinetes, laboratório, posto zootécnico, horto e campos de experiência. O sistema modular de ensino ou das áreas de saber teórico-prático, que Morimont introduziu em seu projeto, haveria de futuramente nortear a evolução do discurso científico da Escola: Agricultura, Engenharia Rural, Ciências Naturais, Zootecnia Indústria Pastoral, Tecnologia e Administração. Uma Escola assim concebida, seria o suporte agronômico ideal para o Estado de São Paulo que já contava com a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o Instituto Agronômico e a Escola Politécnica, dotada de faculdade de Agronomia (4).

O documento mais importante elaborado por Morimont foi o Projeto de Organização da Escola Prática de Agricultura do Estado de São Paulo em Piracicaba, uma exposição acompanhada das plantas gráficas, relativas às edificações e áreas de cultivo. Morimont relacionou os elementos constitutivos da Escola, destacando minuciosamente o colégio-internato, pois este também se destinava à sede da instituição. Tudo indica que os originais de Hutching foram repassados pelos técnicos da Secretaria, pelo engenheiro. Rebouças, superintendente das Obras Públicas, assim como por Antônio By e Kurt Bacellar. O desenhista da Repartição da Agricultura, Francisco Henzler permaneceu algum tempo em Piracicaba para efeito de passar à tinta diversas plantas e fazer as fachadas do colégio-internato. O resultado foi um "[...] estilo um pouco rústico [...] visto ser uma obra no meio do campo, ainda que de certa elegância" (5).

O colégio-internato reservava os espaços necessários à administração, às instalações utilitárias (refeitórios, dormitórios para oitenta alunos, banheiros, enfermaria e serviços), às instalações de ensino (salas de aula, gabinetes, museu, laboratórios para Química e Física, salas de estudo), à sala da Congregação. Tudo muito aproximado do original inglês. Prevalencia o local escolhido por Luiz de Queiroz, a esplanada ou o *grand plateau*, como dizia Morimont, e o edifício a ser construído devia ocupar o centro do complexo educacional. A fachada revela as duas alas laterais ligadas por galerias ao corpo central do edifício, bem como os dois andares anteriormente previstos, constando da planta nº. 9 do Anexo de Plantas ao Projeto de Organização da Escola Prática de Agricultura, parte técnica do Relatório Morimont (6).

Uma visita do senador Manoel de Moraes Barros à fazenda determinou a última alteração na planta do conjunto educacional - a pedido daquele, a fachada principal do colégio-internato, acompanhada do jardim, devia ficar olhando para a cidade, enquanto as caixas d'água e o posto zootécnico passavam para o lado oposto. Esta inversão prevaleceu, quando se construiu a sede, em 1907. Quando o Relatório da Fazenda São João da Montanha foi publicado, tiraram-se muitas cópias para a instrução dos deputados do Legislativo paulista, que nele se basearam para informar o projeto que resultou na Lei nº. 367, de 3/9/1895 que autorizava a criação da Escola Prática de Agricultura na Fazenda São João da Montanha em Piracicaba. Nos planos de Morimont previam-se a inauguração e o funcionamento da Escola dentro de dois anos. O Presidente do Estado, Bernardino de Campos, em final de mandato, determinou a implantação dos alicerces do edifício-sede, onde veio a assentar a pedra fundamental (1/4/1896), num ato festivo de promoção ao governo e ao Partido (PRP).

No mês seguinte mudaram o governo (Campos Sales-Peixoto Gomide) e as diretrizes. A crise da cafeicultura exigiu redução das despesas, o projeto foi desativado, dispensando-se o engenheiro da direção dos trabalhos. O mato afogou os alicerces e as construções, o posto meteorológico foi destruído e a fazenda praticamente abandonada, por quase quatro anos, perdendo-se o magnífico projeto.

Mas foi a própria crise da cafeicultura que motivou o governo paulista a buscar na policultura a alternativa para novos mercados e na agricultura racional (ou científica) a saída para a prosperidade - "a salvação estava na lavoura" -, diziam os ruralistas, querendo com isso enfatizar que chegara a hora do redimensionamento das forças produtivas do país. A partir de 1900, os governos voltaram a investir no projeto de Escola Prática de Agricultura e a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas reavaliou a legislação que se criara sobre o ensino agrícola, escoimou-a e atribuiu-lhe novo Regulamento, contido no Decreto de nº. 683-A de 29/12/1900.

A saída inovadora adviria da Ciência e do novo profissional da lavoura, o agrônomo prático, produto de uma agência de saber institucionalizada pelo Estado. Houve pressa em inaugurar a Escola e quase tudo se fez com base na improvisação e na dedicação missionária dos seus primeiros mestres. Sem bancos e carteiras adequados, sem material de laboratório, sem recursos, a meio da crise econômica e do furacão político que se abateu sobre o Oeste Paulista, a Dissidência do PRP. Por falta de sede, a Escola foi instalada no antigo edifício construído pelo engenheiro Morimont, originalmente destinado a servir de armazém geral, como se pode observar na Planta Geral nº. 4 do Anexo de Plantas do Projeto de Escola Prática de Agricultura, Relatório Técnico, 1895 (7). Começo humílimo que só realça a grandeza da ESALQ.

A sede? Um armazém de 68,40m de comprimento por 10 de largura, dividido internamente em 16 espaços (8). Próximo, os alicerces de pedra de dois metros de altura, levantados em 1896 por Morimont e destinados ao colégio-internato, chamaram a atenção do jornalista do Correio Paulistano, que fazia a cobertura da inauguração da Escola. Tais alicerces evidenciavam um edifício de grandes proporções, cerca de 96m de frente por 25m de largura nos pavilhões laterais e 14m na parte central (9).

A Escola resistiu bravamente contra todos os prognósticos negativos e não fechou as portas do conhecimento agrônomo. A intervenção salvadora ocorreu sob o novo governo (1/5/1904), presidido pelo agrônomo Jorge Tibiriçá Piratininga, assessorado pelo médico piracicabano Carlos José de Arruda Botelho na Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Iniciou-se a fase promissora das contratações no exterior, da divulgação do curso e das construções, inclusive do colégio-internato e sede.

Como o *campus* se convertesse num canteiro de obras, Carlos Botelho esclarecia "[...] provisoriamente serão instalados na cidade de Piracicaba os cursos teóricos, em prédio para isso há

pouco contratado" (10). Ao término de 1906, a visão do complexo educacional compreendia a sede monumental do colégio-internato, as obras do parque projetado por Arsène Puttemans, oficinas, residências, casa de máquinas, posto zootécnico. Marcada a reinauguração da Escola para 14/05/1907, a imprensa paulista deu cobertura ao evento que também veio a ser prestigiado pela elite pensante do país. Na edição daquele dia colhe-se a legenda: "[...] naquela formosa cidade ocorreu uma festa da mais alta significação, uma festa de civilização e de progresso " (11). Por sua vez, o edifício do colégio-internato e sede administrativa despertava inusitada admiração: "[...] desafia o confronto com os congêneres da Europa" (12).

Para os que acompanham este roteiro é fácil distinguir os traços do projeto Morimont sobre a planta do arquiteto Hutching. Carlos Botelho esclarecia: "[...] As modificações sobre o antigo projeto não foram grandes; os alicerces já lançados impunham a construção anterior" (13). O reconhecimento daqueles trabalhos não isenta o mérito dos técnicos da Diretoria de Obras Públicas (DOP) do Estado de São Paulo, do projetista José Van Humbeeck, que introduziu modificações na fachada desenhada em 1895 e na distribuição interior dos espaços, dos arquitetos Washington de Aguiar e Henrique Ribeiro que responderam pelo produto final.

A descrição desse edifício é feita com base nas fontes da época: "[...] à entrada, um vestíbulo com recepção, havendo à esquerda um laboratório e à direita a portaria, a secretaria e a diretoria. Todo o edifício era cortado por uma vasta galeria, ligando as duas alas laterais. No piso inferior ficavam a cozinha, a copa e as dependências utilitárias (banheiro e enfermaria), os salões de aula, o maior para o primeiro grau e o menor para o segundo grau, laboratórios, gabinetes, sala de estudos, salão de desenho topográfico e contabilidade. Uma varanda junto à fachada interligava os três corpos do edifício. No piso superior, acessado por várias escadas destacavam-se: o pavilhão central ao lado de luxuosa sala para a realização de solenidades e para as sessões da congregação. À direita, o museu, a sacada e a biblioteca. Nos dois corpos laterais dispunham-se os alojamentos e várias dependências. Longos corredores interligavam os três corpos do edifício" (14).

À beleza arquitetônica adjudicava-se a cenografia natural. Nas impressões do antigo professor e ex-Diretor, Dr. Ernesto Ferreira de Carvalho: "[...] a vista abraça dilatados horizontes [...] destacando-se do fundo azul de longínquas montanhas, o risonho panorama da cidade" (15). O colégio-sede tornara-se o centro de um complexo educacional, articulando-se com os espaços reservados da Fazenda Modelo, com o horto, o parque, o posto zootécnico e todas as demais edificações, inclusive as residências e a moradia do Diretor da Escola, situada na esplanada reservada aos exercícios físicos. O edifício onde fora inaugurada a Escola (1901), voltava à condição de armazém para oficinas e depósito de utilitários. Quatro décadas após, o edifício-sede foi submetido a colossal reforma que lhe deu a configuração atual e o velho armazém foi demolido, construindo-se em seu lugar o pequeno lago, como preito à sua memória.

Mas, naquele 14 de maio do ano de 1907, um século atrás, o futuro ainda não existia e o presente acabava de nascer. Tudo não passava de intenções, mesmo as palavras de grande sensibilidade e visionário alcance do seu Diretor, o médico Dr. Francisco Dias Martins: "[...] Daqui partirá a idéia diretora da agricultura do Estado [...], daqui partirá o movimento inteligente, preparando o homem para saber aproveitar as forças naturais..." (16).

Notas

- (1) Dewit Clinton Smith in "These IV", Primeiro Congresso de Ensino Agrícola 1911, São Paulo, p.135.
- (2) Marly T.G. Perecin. Os Passos do Saber. A Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz, p.115-116.
- (3) Eugene Davenport Papers, page 19tn, University of Illinois Archives, Box 4.
- (4) Marly T.G. Perecin, op. cit., p.163-164.
- (5) Correspondência de Morimont, carta ao engenheiro Rebouças (11/2/1892). Museu da ESALQ.
- (6) Marly T. Perecin, op. cit., p.158.

- (7) Idem, p.160.
- (8) Idem, p.306.
- (9) Correio Paulistano, ed de 4/6/1901.
- (10) Relatório do Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1905, DAESP.
- (11) OESP, edição de 15/5/1907.
- (12) Idem.
- (13) Idem.
- (14) Idem.
- (15) Dr. Ricardo Ernesto de Carvalho, tn ESALQ 75 (1901-1976). 75 Anos a Serviço da Pátria, p. 83.
- (16) OESP, edição de 16/5/1907.

Marly Therezinha Germano Percin

Doutora em História Social do Brasil (USP), possui trabalhos publicados no campo da História e da Literatura